

CUIDADO PALIATIVO: A BUSCA PELA VIDA NO APROXIMAR-SE DA MORTE

Apesar dos avanços tecnológicos no que tange a terapias antineoplásicas, a presença do câncer ainda remete a situações de sofrimento e a inevitabilidade da morte. As estatísticas vitais mostram as neoplasias como segunda maior causa de morte no país⁽¹⁾, o que denota que muitas famílias convivem com a finitude dentro do lar. O paciente com prognóstico reservado e sua família, tornam-se um desafio à equipe de saúde, pois carecem de assistência na manutenção da qualidade de vida do doente, apoio para os familiares no enfrentamento do processo de morrer e suporte no luto, sendo que nem sempre, os profissionais estão preparados para tal realidade.

O projeto de extensão “Cuidados Paliativos ao doente com câncer e seus familiares” criado em 2004, pela Profa. Dra. Catarina Aparecida Sales, é um exemplo na tentativa de manter acesa a chama da vida nos lares de pacientes com câncer sem perspectivas de cura. Completando 10 anos, o projeto conta com atuação de alunos de Graduação, Mestrado e Doutorado em Enfermagem, que realizam visitas domiciliares semanais àqueles que vivenciam a situação de morte no lar, a fim de oferecer auxílio e conforto a essas famílias antes, durante e após a morte de seus entes queridos.

As vivências durante o projeto retratam a difícil realidade das famílias ao se depararem com situações de finitude: a morte, como inimiga austera, representa o fracasso dos profissionais em busca da cura da doença, sendo reflexo o sentimento de hostilidade e revolta, acreditando que nada mais pode ser feito. Nestes momentos, o profissional de enfermagem pode ser uma peça fundamental na tentativa de edificar o lar desestruturado pela notícia da perda iminente, inserindo os Cuidados Paliativos na assistência a esta família. Como resultado do acompanhamento, as famílias e pacientes conseguem compreender e aproveitar melhor o tempo de vida que ainda resta junto aos seus e, os alunos tem uma aproximação com a realidade da morte de uma forma profunda e íntima, inesquecível para sua vida pessoal e profissional.

A indicação dos Cuidados Paliativos durante a vigência de qualquer doença ameaçadora de vida permite que, o direcionamento da assistência saia do foco estritamente clínico e volte-se também para as necessidades proferidas pelos próprios pacientes. Apesar de possuir caráter interdisciplinar e colaborativo com terapias curativas, esta modalidade de cuidados coloca o paciente como protagonista do plano de atuação da equipe, mantendo-o com poder ativo e decisório em todos os momentos da doença.

É notável a importância da enfermagem no contexto dos Cuidados Paliativos, visto que estes profissionais são os responsáveis pelo fomento dos cuidados em todas as etapas do tratamento, além de estarem mais próximos do paciente e família em suas queixas e dificuldades cotidianas. Os profissionais de enfermagem, por meio da empatia e solicitude, podem captar necessidades físicas, psíquicas e sociais do núcleo familiar a partir da formação de vínculo com os sujeitos que vivenciam a proximidade da morte.

Contudo, a realidade que permeia o cuidado de enfermagem, apesar de enfatizado como pilar fundamental da profissão na academia, muitas vezes é dotada de um maquinismo impessoal, que mantém o profissional distante da realidade vivenciada por pacientes e famílias, mesmo nas situações de morte iminente. A identificação precoce de sintomas, a avaliação criteriosa destes e seu tratamento, pilares do Cuidado Paliativo, são colocados em segundo plano nas rotinas de trabalho, não chegando a ser implementado concretamente em muitas realidades. O oposto deveria ocorrer, visto que para estes profissionais, o cuidado deveria ser a arte fundamental, sua razão de existir como ser do cuidado.

Para que se atinjam os princípios dos Cuidados Paliativos, a assistência ao paciente em situação de morte iminente, como a de qualquer outro indivíduo, deve contemplar uma visão

holística de suas necessidades. Profissionais de saúde e família devem encontrar a sintonia em sua comunicação e ações frente ao doente, de modo que desejos ou sofrimentos não sejam esquecidos ou mascarados. O diálogo é uma atitude que deve ser motivada e valorizada pelos profissionais, de modo que o paciente e sua família sejam efetivamente ouvidos pela equipe de saúde.

Diante de toda a complexidade da assistência de enfermagem, fica como implícita a necessidade de empatia para com aquele que está sob o foco de atenção, sendo que, sem este passo dificilmente alcança-se a dimensão subjetiva do cuidado. Dentro das possibilidades de atuação profissional, cada queixa deve ser ponderada e reavaliada, até que não seja mais importuno ao doente.

Acrescenta-se, ainda, que aceitar o limite da vida é primordial ao se oferecer Cuidados Paliativos. A partir dessa concepção, torna-se mais claro o fundamento de cuidar, e não de curar. Cuidar como paliativista é humanizar suas ações, ter empoderamento para orientar sem nunca impor, manter-se disponível mesmo sem estar junto, é conferir segurança ao paciente e família, para que possam juntos desfrutar, os momentos que ainda lhes restam.

Nesta perspectiva, para cuidar e confortar, buscando atender às expectativas e necessidades de quem é cuidado, o enfermeiro deve ter o interesse de aprender. E instruir-se acerca do cuidado do doente com câncer, é compreender que o sofrimento perante a doença e a morte, que é o sofrimento universal, não se limita a um determinado tempo e espaço, mas assume características existenciais bem claras e distintas, em diferentes contextos econômicos e sociais.

Ressalta-se ainda que, para implementar a humanização do cuidado as pessoas que sofrem há a necessidade de que os cursos de graduação em enfermagem valorizem a instância paliativa do cuidado e, aproximem seus alunos da situação/condição de morte e/ou morte iminente e do morrer desde o início de sua trajetória acadêmica. Cuidar da morte pode ser a experiência mais avivadora de um ser, além de permitir crescimento singular no trilhar como alunos e profissionais de enfermagem.

Julia Wakiuchi

Doutoranda em Enfermagem na Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Catarina Aparecida Sales

Doutora em Enfermagem. Professora da Graduação e Pós-graduação em Enfermagem da UEM. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família - NEPAAF

1. DATASUS. Departamento de Informática do SUS. Informações de Saúde. Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. [online]. 2012. [citado 2015 jan 22]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/obt10uf.def>